

OK

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO DF.

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS.

ENTREVISTADORES: Wanda Cozetti e Jeanina Daher.

DATA: 12.12.89

CONTINUAÇÃO:

...pode começar? - (ENTREV.: PODE.) - Bom, então eu estava falando do processo da Aliança e porque que uma experiência que foi assim, tão importante durante os anos todos, eu cheguei assim, no limite de acabar, porque ela co-existiu com outras coisas. Eu dei durante esse período, alguns cursos de reciclagem de professores. Quer dizer, oficialmente eu estava afastada do ensino, mas cursos de reciclagem, seminários, palestras assim, lá pelos anos 70, eu comecei a ser convidada para algumas coisas, uma participação assim, mais ou menos, indireta. E continuando na Aliança, por achar realmente importante. Eu achava que aquilo era um laboratório e que tudo que a gente estava experimentando lá, reverteria na escola pública de uma maneira consistente, porque era a partir de experiências assim, brasileiras, com dados brasileiros, não era ficar compilando Herbert Head, coisas americanas, com estatísticas americanas. Não, era uma comprovação de uma ação bem, com crianças brasileiras, dentro do desenvolvimento brasileiro. E em 81, eu comecei na Faculdade de Artes, que era o curso de licenciatura em Artes Plásticas da Fundação Brasileira de Teatro. Então, era tudo aquilo aplicado na formação de professores, que reverteriam também no ensino público. Antes disso também, eu já estagiava os alunos da UnB. Então, eram sempre ações que não eram... (ENTREV.: RESTRI-TAS AO CAMPO...) - ...restritas àquelas crianças. Eram sempre com um desdobramento. E nesse desdobramento, uma das coisas que eu acho mais importante, é porque já uma das minhas filhas, a Cláudia, que hoje é professora da Fundação e trabalha NUTEL, ela frequentou a escolinha desde que ela tinha 3 anos de idade; criou, se criou, os três se criaram dentro da escolinha e fazendo e dentro da filosofia. E ela acabou desdobrando a escolinha de arte, com a

mesma experiência para as crianças da Vila Planalto e aque-
 x las crianças que moram no ^oanexo, perto do Museu de Arte de
 Brasília. Então, não é uma experiência assim, que às ve-
 zes a gente discutia e considerava se aquilo funcionava ,
 porque de qualquer maneira, a clientela básica era a clas-
 se média. Então, como é que essa coisa se desdobra em qual-
 quer outra circunstância, não é? Então, na prática, nós
 tivemos essa experiência da oficina com as crianças na Vi-
 la Planalto e com o anexo ali, aliás, o anexo onde já mora-
 ram professores; durante muito tempo os professores mora-
 vam naquele anexo, não é? E hoje ficou assim, uma coisa
 meio abandonada para uma outra população. E nós vimos que
 realmente , quer dizer, tinha uma prática; quer dizer, es-
 sa parte expressiva, essa parte da linguagem, essa parte
 do ser inteiro através da sua própria expressão, não é pri-
 vilégio, absolutamente, de classe nenhuma. Isso é uma ne-
 cessidade do homem enquanto homem. E daí que a gente pode
 chegar a análise, porque durante o tempo todo, a gente
 questionava as próprias leis, o que estava passando na es-
 cola e por que que essas escola pública vinha se deterio-
 rando. Quer dizer, qual era o fator e por que que havia es-
 sa coisa da privatização, essa ênfase na escola particu-
 lar, por que que a escola particular era tão eficiente e
 por que que a escola pública não era eficiente. E qual era
 a tônica que realmente movia. Então, eu acredito que o que
 pegã e o que sempre pegou na educação e daí, a nossa falta
 de consciência de cidadã que a gente está comprovado em
 pleno 89, é justamente o que foi sempre impedido na esco-
 la, que é o comportamento crítico e criativo. Então, é da-
 do uma informação, do jeito que a informação é passada, de-
 pendendo do governo, dependendo das direções, dependendo
 da própria formação do professor e aquela parte que é da
 consciência do ser. O que é importante, quer dizer, essa
 história do: O que eu vou ser quando crescer? - Não é essa
 indagação nenhuma cobrança, mas se você não tem desde de
 criança um ser criativo e participativo, você não vai ser
 um adulto sensível e participativo. E é isso que é a tôni-
 ca que eu acho que é o fundamental de se discutir na educa

ção; não é exatamente o conteúdo, se é dado dessa ou daquela maneira. Não é por aí. É o quanto a escola permite que você exista como ser. Quer dizer, essa escola que permite isso, que é um direito, quer dizer, ela não concede, já é um direito que deveria ser, se você passa a educação por essa premissa, você vai ter realmente um adulto sensível e com capacidade de escolha. Você não determina que adulto vai ser, mas você determina a ele, você possibilita a ele, se era aquele que escolhe e que participa de uma maneira crítica e escolhendo. Então, era isso o que a gente viu; quer dizer, que não é uma experiência que ficou limitada a um determinado grupo, a uma determinada classe. Quer dizer, essa consciência é uma coisa que você, dependendo, quer dizer, se as condições, vamos dizer, materiais não são as mesmas, mas o resultado qualitativo da experiência é o mesmo. Não é porque você num ~~você usa um pastel japonês e que~~ ~~um~~ colorido mais forte e no outro você usa um lápis de cera fabricado com as condições e com os colorantes que você tem daquela região, ou porque você trabalha com o colorido do chá ou de uma planta, porque você não tem o mesmo material, que o resultado é diferente; não! Ele é exatamente igual, quando a criança, o adolescente ou o adulto se sente realmente participante. E aquilo vem da sua própria expressão; ele não está fazendo nenhuma tarefa, porque foi imposto; não! Ele vai prazerosamente. E é uma coisa que eu defendo. Não existe nada na vida, que você faça desligado do prazer, que dê um resultado positivo.

PERG.: E ESSA FILOSOFIA QUE VOCÊ APLICAVA, QUER DIZER, VOCÊ TINHA COMO CAMPO DE APLICAÇÃO A ALIANÇA FRANCESA E VOCÊ SENTIA QUE A DIVISÃO SE DAVA, NÃO É? E ISSO VOCÊ CONSEGUIA, NESSA ÉPOCA, MINISTRAR SEM PROBLEMAS?

RESP.: É! Olha, porque durante muito tempo, quer dizer, ficou restrito às crianças que frequentavam, aos pais, não é? É claro, que no início, os pais inclusive, que matricularam e as pessoas que frequentavam, tirando assim, alguns estrangeiros que não estavam ligados a nenhuma conotação, também colocavam no sentido de ajuda. Você abre um curso, é al -

guém que ficou sem emprego, então vamos colocar ali quem está empregado, porque favorece à sobrevivência, não é? Então, durante muito tempo essa coisa ia sendo amadurecida, mas isso não era passado; quer dizer, eu não tinha mecanismo de fazer sair isso por outro canal, compreende? Ficava restrito a você experimentar, a ter a possibilidade incrível de reformular, porque você não tem nada certo, já pronto, não é? Você, na medida que você vai conseguindo e você mesmo vai se conscientizando das ações, você vai reformulando. Então, você vai fazendo na prática e baseado na teoria, porque não foi uma coisa que eu inventei. Eu me baseei em tudo o que já tinha sido feito na educação. Tanto de certo, quer dizer, que eu concordasse ou quanto eu discordasse. Então, você vai testando e vai se modificando também, não é? E vai se modificando como pessoas, vai se redescobrando como criança e o que você tem ainda aí de sensível, de positivo e não deixando que a raiva maior, claro! Existe todo um contexto fora. Quer dizer, eu tinha consciência que, de qualquer maneira, a Aliança era um oásis, mas ~~mas~~ eu colocava o pé na calçada, eu sabia que do lado de fora, era uma outra coisa completamente diferente. E eu convivia com essa outra pressão.

PERG.: ESSA DICOTOMIA TE ATINGIA?

RESP.: Claro! Mas atingia profundamente, porque você, de qualquer maneira, ao mesmo tempo que você tem uma situação prazerosa e sempre me foi prazerosa, a atividade de ensino, Aliança, você tem aquela sensação incrível de impotência, porque você está vendo toda a barbaridade em volta, não é? Então, você não consegue ter a plenitude de uma situação...

PERG.: E ISSO EM ALGUM MOMENTO, PASSA A INTERFERIR DEPOIS NO SEU TRABALHO?

RESP.: Não, olha, eu sempre fiquei naquela assim de que: Bom, essa coisa vai mudar! Essa coisa vai mudar! Quer dizer, eu acreditava que a gente ia mudar essa situação; quer dizer, que não seria uma coisa para o resto da vida. Eu achava que em, quer dizer, no princípio a gente achava que eram 3

meses; depois passa os 3 meses e você vê que já tem um ano, dois anos, mas eu sempre tinha a motivação de que essa situação seria revertida. Realmente nunca... (ENTREV: IMAGINOU QUE ELA DURASSE TANTO TEMPO.) - ...imaginei que fosse uma situação tão permanente, como acabou sendo, não é? E nem que a gente teria que ver e sentir assim, tão próximo os acontecimentos, em relação a conhecidos e a outras pessoas e à própria sociedade; e à deterioração de tudo, mas...

PERG.: ATÉ QUANDO VOCÊ FICOU NA ALIANÇA FRANCESA?

RESP.: Eu fiquei até final de 87. Agora, sempre, mesmo dentro, sempre não foi uma coisa pacífica. Não é dizer assim: Não, eu me instalei, era um oásis, eu ia fazendo tudo! Não! Havia, houve durante mais da metade desse período uma guerra fria, uma guerra suja e que eu acho que não é só decorrente do que eles diziam do problema de ser uma coisa que não desse dinheiro, porque ela não dava prejuízo. A Aliança não investia dinheiro nenhum. Ela podia deixar de ganhar dentro dos princípios dela, mas ela não era uma coisa que desse prejuízo, ela se auto-mantinha. Só isso e na minha concepção você tendo uma associação cultural, uma atividade cultural permanente, que tem repercussão na cidade e tem repercussão fora, porque a gente tinha contatos com os outros países e por ser na Aliança, com outras embaixadas e com outras crianças de todas as nacionalidades, isso é um fato cultural que não tinha que ser contestado, do ponto de vista financeiro. Então, eu acho que estava sempre embutido, uma coisa não clara, que era alguém, quer dizer, que tinha sido considerado subversivo, alguém que era cassado e que alguém que não merecia ter sucesso. Então, o sucesso da atividade era muito revertido na figura de quem ministra. Então, eu acho que sempre foi isso. Agora, e por achar isso e por ter uma consciência disso o tempo todo, eu achava que cada espaço, por exemplo, eu, por ter vindo desde o início de Brasília, eu não fiquei assim, numa situação acomodada não. Eu fiquei, porque eu achava que era uma coisa que a gente tinha conquistado e que embo

ra a direita tivesse instalado, em tudo quanto era parte, o pedacinho de esquerda que eu pudesse manter eu mantinha, entendeu? Então, eu resisti na Aliança, eu acho que foi, uma resistência, porque era uma chateação no final, era uma chateação você ter sempre sob a pressão; quer dizer, todo o semestre quando terminava, todo ano que recomeçava, eu nunca sabia se exatamente eu ia poder recomeçar, porque sempre tinha aquela coisa: Vai continuar, a escolinha não merece ficar, fica-não-fica e sempre tinha que... De uma das vezes, um dos diretores que foi assim... Os diretores franceses, eu realmente não tenho o que dizer; realmente a parte francesa; mas era sempre transitória. Então, não são pessoas que ficam no país. E sempre aquele problema diplomático, que tem sempre um limite de não infringir o problema local. Então, um dos diretores numa noite ele me avisou: Olha, na pauta da reunião do conselho de amanhã, está a desativação da escolinha de arte da Aliança. E ele, pessoalmente, achava que era um absurdo, mas ele era uma das pessoas no conselho. Ele falou: Olha, eu só estou te avisando, numa questão de lealdade, porque eu não sei realmente, o que que eu vou poder fazer nessa reunião. Eu agrade-ci e pensei: Bom, o que que ele realmente, ele sozinho num conselho... Eu não sei exatamente qual é a composição, o que passa na cabeça dessas pessoas que estão lá, se um propõe e os outros apoiam. Então, não, deixa, tudo bem! O aviso já foi suficiente. Então, chamei alguns amigos, claro que a gente sempre teve amigos em defesa do que a gente acredita. Então, de noite montamos, de noite para de manhã, ficamos lá a noite inteira, montamos uma exposição na entrada da Aliança de todos os trabalhos, porque isso também era uma coisa que já era prática. Nunca na escolinha de artes, se fez trabalho para exposição. O que era mostrado em exposição, era sempre o resultado da prática diária. Então, a qualquer hora, podia se montar e desmontar os trabalhos, era simplesmente colocar à vista o que era feito. E de uma maneira, é claro, a exposição requer que o observador, tenha condições de olhar de uma maneira prazerosa.

Então, foi isso o que nós fizemos: Pegamos o que tinha na sala e colocamos; e avisei ao grupo de teatro, as pessoas' que a gente estava se relacionando na época: Olha, por gentileza, é muito rápido, mas eu preciso da presença das pessoas na hora... (ENTREV.: DA REUNIÃO.) - ...da reunião . Bom, então quando os conselheiros foram chegando da Aliança, primeiro ficaram surpresos, de estar o hall cheio de gente e a exposição montada. E uma das pessoas presentes, que foi o João Antonio, professor de teatro da UnB atualmente, ele chegou, cumprimentou justamente o presidente do conselho, Ernesto Silva: Olha, eu quero parabenizá-lo em nome da cidade, pela maravilha que é, vocês terem aqui dentro uma ação cultural e tudo mais. E aí os pais das crianças também estavam, porque a exposição era uma coisa normal, era uma coisa rotineira. Não seria naquele dia, seria um outro, mas era rotineira; mas aquela foi intencional . Bom, e aí os conselheiros entraram para a reunião e nós X continuamos na exposição normalmente, conversando até uma hora e que todo mundo quis, porque ali, é claro, acabou ficando uma reunião agradável, independente da motivação' que tinha levado. Nós ficamos aproveitando o fato de estar X mos todos juntos. E acabou numa determinada, fomos embora, não tomamos conhecimento da reunião. No dia seguinte de manhã, o diretor me chama no gabinete dele e me diz assim : Olha, se alguém tivesse me contado no dia que eu cheguei aqui, eu jamais acreditaria. Eu sabia e vinha sentindo essa luta surda que eles tinham contra a escolinha. Nunca consegui, como o francês, entender, como é que alguém se opõe a uma ação cultural, que só tem beneficiado à própria Aliança do ponto de vista do nome, mas jamais imaginei, que a falta de caráter fosse a esse nível. Estou lá com a pauta escrita: Desativação da Escolinha de Arte da Aliança, pois isso, esse item, foi transformado em plena reunião, como uma intenção de elogios a atuação da professora Renée e da escolinha de arte - Aliança, pelo benefício que ela tem causado à própria Aliança Francesa e à cidade. E isso ficou registrado em ata por unanimidade. (ENTREV.: QUE COISA!) - Então, ele assim, supreso, o nome des

X se diretor era: Michell ~~o~~ ^o Hospital; ele disse assim: Eu somente na prática, fui capaz de compreender, alguma coisa que você vinha tentando explicar e que me fugia completamente à compreensão.

PERG.: VOCÊ TEM POR ESCRITO ESSAS DUAS COISAS?

RESP.: É!

PERG.: RENÉE, VOCÊ ACHA QUE EM FUNÇÃO DE VOCÊ ESTAVA QUERENDO...

RESP.: Eu acredito que eu realmente, é como na realidade, eu nunca também tive uma ação conformista. Eu, como por eu não ser, por exemplo, professora regida pelas coisas da Aliança, porque eu nunca fui professora da Aliança. Eu tinha esse curso na Aliança, que me dava uma independência do fazer e do fazer; o que não acontecia com os demais professores. Inclusive eles propuseram uma época, se eu não queria ser professora da Aliança. Eu disse: Não! Que eu estava satisfeita. Um dos diretores francesas que me propôs, perguntando se não era mais vantagem, porque ele sabia que eu não ganhava muito. Então, eu sendo professora da Aliança, eu teria as garantias da Lei: 13^a, essas coisas que eu não tinha. Quer dizer, eu não parava um dia de dar aula, porque se eu parasse um dia, eu não ganhava, compreende? Então, ele, claro, sentindo isso perguntou, mas eu, por causa do conselho eu não aceitei, porque eu achava que eles iam interferir... (ENTREV.: MAS VOCÊ ACHA QUE FOI EM FUNÇÃO DO SEU PASSADO? UM POUCO EM FUNÇÃO TAMBÉM, NÃO É?) - É! Eu acho que sim; eu acho que sim. Eu acho que em função de tudo, entendeu? (ENTREV.: TAMBÉM?) - Também! E fundamentalmente. Eu acho que eu também não representava aquele protótipo da pessoa bem comportada, dos padrões que eles achavam, entendeu? Aliás, eu sempre me vesti do jeito que eu me visto agora e trabalhava com as crianças e eu era feliz com as crianças. Eu acho que era isso que incomodava. A sensação que eu tenho até hoje é isso, que o que incomodava neles, sabe, é como que eles não conseguiam entender do que que eu achava graça; você entende como é? Você ter uma situação que ninguém consegue achar graça, porque é uma situação maçante; de repente tem alguém que apa-

renta está numa atividade que... (ENTREV.: PRAZEROSA.) -
 é feliz. Então, isso incomoda; incomoda, porque as crian-
 ças passeavam pela Aliança, as crianças, a gente fazia tea-
 tro e as crianças, muitas vezes, entravam. Existiam também
 alguns professores, que algumas vezes reclamavam do baru-
 lho, porque as crianças faziam mais barulho do que o nor-
 mal, de uma aula normal assim, de francês. Mas isso não
 X era verdade, ^{a gente} ~~nem~~ sempre contornava, mas a gente ocupava o
 espaço aberto. Não era uma atividade que ficava trancada
 só dentro da sala, entendeu? A gente ia para o pátio, era
 visível; era visível e era visível que as crianças eram fe-
 lizes. Isso que é uma coisa que eu acho que era impressio-
 nante, sabe? E isso incomodava de alguma maneira. Então,
 tem um tesoureiro que continua até hoje, um tal de Márcio
 X Vieira que é um ^{fascista} ~~fascista~~, é um cara que ficou na Aliança e
 está lá até hoje, que não sabe uma palavra de francês, que
 não gosta de cultura, entendeu? E é membro dessa associa-
 ção até hoje. Durante esse período, você vai pensar assim:
 X Mas vocês nunca fizeram nada para derrubar^{lo}, já que tem só-
 cio remido? E eu sou sócia remida da Aliança, porque no
 princípio tinha os sócios remidos, depois tem os sócios
 contribuintes. De uma única vez, houve um consenso dos só-
 cios, de que aquilo tinha que ser mudado. Então, se apre-
 sentou um novo candidato para a presidência do conselho da
 Aliança. Essa situação dessa eleição, parecia uma reunião
 da máfia de gangster. Foi num nível assim, de violência
 verbal e um monte de procurações que trouxeram já prontas
 para votar, que ninguém sabia, de gente que mora no Rio,
 gente que não mora mais em Brasília. Foi uma armação tão
 grande, que as pessoas que estavam sendo convidadas a par-
 ticipar nessa renovação, nunca mais quiseram entrar e nem
 participar da Aliança. Que eu saiba, isso não é uma coisa
 normal, e os franceses têm consciência disso, mas sempre
 são transitórios. Então, eles ficam por um período... (EN-
 TREV.: E O CONSELHO ETERNAMENTE?) - ...não, não! O conse-
 X lho entrou eleito dessa... (TRECHO ~~distorcido~~) inaudível)

PERG.: EXISTE UMA ELEIÇÃO DE QUANTO TEMPO? TEM TEMPO DETERMINADO?

RESP.: Tem tempo determinado, mas acaba uma gestão, eles se reele
 X gem com o voto deles mesmos... (TRECHO ^{inaudível} ~~INTELECTUAL~~) ... na
 X cidade... ^(trecho inaudível) porque não são cargos de dinheiro, compreende? E
 continuam lá até hoje. E quando eu saí, eu fiz uma carta
 aberta à direção da Aliança e coloquei no jornal, porque
 eu acho que não era uma coisa para você sair calado, por
 que quando eu saí, realmente o último diretor da Aliança,
 X que até ^{já} faleceu, ele, depois que já estava em Brasília,
 ele estava com câncer. Então, foi uma das coisas que real-
 mente acabou, de uma certa maneira, decidindo uma coisa
 que eu já vinha alimentando, que era realmente encerrar a
 atividade. Eu encerrava por isso, porque eles pressionavam
 para eu encerrar, então eu recuava: Ah! não, não saio! Sob
 pressão não saio! Então, eles começaram assim, chegavam as
 pessoas para matricular, então tinha a informação de que
 as secretárias não tinham que dar informação, ou então não
 tinha vaga, ou então, fica cozinhando as pessoas para não
 darem informação. Depois eu chegava para dar aula junto
 com as crianças, a sala não tinha sido limpa. Então, a gen-
 te tinha que ficar do lado de fora esperando limpar. Então
 eram ações, você pensa assim: Não, isso é pouca coisa! Pou-
 ca coisa um dia, mas depois de vinte tantos anos, não há
 possibilidade de você segurar mais uma coisa dessas. En-
 tão, o que é que eu tinha que fazer? Chamar o diretor, que
 muitas vezes ainda estava na residência que é ao lado e fa-
 lar com ele: Olha... Aí ele tinha que chamar o servente, o
 servente tinha que vir: Mas por que você não limpou? - Por-
 que eu recebi ordem para não limpar! E a ordem era essa,
 que se eu limpasse eu vou ser demitido. Então, eu ainda fi-
 cava num conflito, porque também eu não queria que o ser-
 vente fosse prejudicado, afinal era um operário e precisa-
 va daquele dinheiro. Então ele disse: Não, mas quando, se
 der, escondido eu limpo. E isso foi, mas foi num crescente,
 foi num crescente, aí quando, eu fui pensando e aquele di-
 retor foi piorando, ele fez uma operação e foi aquela coi-
 sa e eu o olhava assim e falava: Não, uma situação conflí-
 tante depois de tantos anos, vai me levar a uma doença,
 porque não é possível. Não há sanidade mental que resista!

E eu começava a questionar: Eu já estou fazendo outras coisas, estou dando aula na faculdade, essa coisa que eu pensava em desdobrar, já desdobrou. Então, eu cheguei no meu limite de preservação de espaço. Pode ser que outras pessoas tivessem um limite, mas eu acho que 24 anos e meio de resistência... (ENTREV.: É UM BOCADO DE TEMPO, NÃO É?) - ...é um bocado de tempo, não é? Então, eu fiz essa carta aberta, entreguei lá na Aliança, na direção. Esse diretor, X que era o *Monsieur* ? , ele ainda perguntou se eu queria que ele arranjasse um outro espaço... (ENTREV.: ESSA CARTA ESTAVA NESSES DOCUMENTOS?) - ...estavam! Nos documentos estavam. Então, ele perguntou se eu queria um outro X espaço na Aliança Francesa, não ^{na} Aliança Francesa, mas na Escola Francesa ao lado. Eu poderia ter transferido para a faculdade de artes que eu teria espaço, mas o problema não era mais esse. Eu achava que de qualquer maneira, o ciclo tinha se completado. Quer dizer, o que eu podia de experimentação, o que eu tinha sedimentado nessa relação do que é a linguagem, do que é a expressão, do que é realmente o fazer do homem, eu já tinha; e eu já tinha desdobrado essa ação em outros espaços, não é? Então, que dali para frente, já era uma situação doentia, eu continuar convivendo, porque a mola que me motivava e eu insisto, era o prazer. Eu não tinha mais prazer de entrar na Aliança. Então, aí foi nessa hora, o primeiro dia que eu pensei assim: Eu tenho que ir para a Aliança e que isso passou a ser a tônica e está na hora d'eu ir para a Aliança, é que me fez então, decidir, porque tinha crianças ainda frequentando. Então, eu tinha sempre aquela coisa assim: Bom, a minha decisão não pode prejudicar essas crianças que frequentam e que dão apoio de pais que sabiam da intolerância e que resistiam junto e que estavam lá todos os anos e estavam em todas as exposições. Então, eu tinha um compromisso. Não era um compromisso individual, era uma coisa coletiva. Mas aí eu fiz essa carta, mandei para todos os pais; e claro que eles entenderam, não é? Foi o limite. Bom, e ao mesmo tempo eu já estava, desde 81 na Faculdade de Artes, no curso de licenciatura, principalmente de artes plásticas e eu

acho que foi assim, também uma experimentação bastante interessante. Nós tínhamos, aí sim na faculdade uma coisa boa que aconteceu durante um tempo, nós tínhamos uma equipe e essa equipe funcionava. Então, essa discussão, que muitas vezes para mim tinha sido um pouco individual, foi uma coisa que foi questionado e discutido por um grupo e levamos essas experiências até 88. E infelizmente as experiências culturais, eu acho que no Brasil, são sempre, terminam em situações limites. E na faculdade de artes, também nós fomos ao limite da experimentação e saímos também numa situação bastante conflituosa e ela permanece em conflito até hoje. Alguém analisando deve pensar assim: Que afinal também, eu sou uma personalidade meia perturbadora, não é? - (ENTREV.: O QUE É BOM.) - (RISOS) porque afinal de conta, eu saí sempre de alguns lugares, em situações, que eu digo assim, conflitantes.

PERG.: TODO MUNDO SABE QUE O ELEMENTO PERTURBADOR É QUE RENOVA, NÃO É?

RESP.: É! Mas eu acho que isso faz parte da própria opção. Quando você opta por arte, você tem que optar pela não acomodação. E você optando pela não acomodação, você vai contrariar interesses, não é? E você contrariando interesses, você... (ENTREV.: VOCÊ INCOMODA.) - ...incomoda. E você vai também, com as suas deficiências e com as suas qualidades pessoais, no limite das ações, não é? Mas eu acho que dentro do que a gente conhece de Brasília e de quantas coisas bonitas aconteceram e tiveram duração assim, pequenas, eu tenho demonstrado até uma certa perseverança, porque em 30 anos, as ações foram pelo menos demoradas, foram difíceis, mas foram demoradas. E sempre a saída foi quando a situação chegava no limite de não mais possibilidade. Quer dizer, enquanto houve chance nós insistimos.

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "B" DA FITA III, REFERENTE A ENTREVISTA DA PROF. RENÉE SIMAS.

.BSB / 08.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.